

Herbert Caro nas cartas de Erico Veríssimo

Maria da Glória Bordini

Erico Verissimo's letters to Herbert Caro, during the 1950s, offer a portrait of the translator of Thomas Mann, revealing his taste for music and movies as well as an insights in his role as a critic and confidant of the Brazilian author.

Keywords: Herbert Caro; Erico Veríssimo; letters.

1 Um judeu alemão se refugia no Brasil

Herbert Caro, judeu alemão de Berlim, ao transferir-se para o Brasil em 1933, já sentindo a perseguição do nazismo em progresso em sua terra natal, não sabia que viria a tornar-se um dos expoentes da vida literária do Sul, ao colaborar com a Livraria e depois Editora Globo como tradutor de literatura alemã, a partir da década de 40. Formado em Direito, além de seu conhecimento literário e de seu apurado senso de humor, que transparecia mais em seus textos do que no dia-a-dia, era um apaixonado pela música erudita, um verdadeiro melômano, o que ninguém suspeitaria diante daquele homem sisudo, que à primeira vista parecia ainda estar vivendo na tradicional formalidade dos ambientes acadêmicos de sua Alemanha.

Sua familiaridade com os livros – trabalhou na Livraria Americana, em Porto Alegre, onde não só vendia mas aconselhava a compra de livros aos clientes – e com a língua portuguesa, que aprendera de tanto consultar dicionários, e sua participação frutífera na Sala dos Tradutores da Globo – para a qual ele verteu *Os Buddenbrook* e *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, levou-o com o tempo a ser requisitado para a tradução exitosa de difíceis e complexas obras-primas como o *Dr. Fausto*, do mesmo Thomas Mann, e *A Morte de Virgílio*, de Hermann Broch, que o consagraram no meio cultural brasileiro.

2 Herbert Caro e Erico Verissimo: uma amizade nascida na Editora Globo

Foi da convivência na Globo que se originou uma amizade duradoura entre Erico Verissimo e Herbert Caro. Desde os anos 40, quando se conheceram por razões profissionais, até o falecimento de Erico, em 1975, os dois mantiveram um relacionamento muito franco e confiante, em que de lado a lado houve a troca de estímulos mútuos, de conhecimentos e de experiências de vida, bem como o estabelecimento de fortes laços afetivos entre as duas famílias, que permaneceram em contato mesmo à distância, quando as viagens de Erico o afastaram do Brasil, por vezes durante vários anos. Esses distanciamentos deram origem a uma fértil troca de correspondência – de que o Acervo Literário de Erico Veríssimo possui apenas as cartas de autoria do autor de *O Tempo e o Vento*. Essa coleção testemunha o quanto Erico estimava o amigo e o quanto Caro representava para ele como elo de ligação com um Brasil que, de longe, parecia estar se perdendo nas crises políticas

Acervo Literário de Erico Verissimo (ALEV) e-mail: gloria.bordini@pesquisador.cnpq.br

dos anos 50 e 60, e de uma Porto Alegre que se tingia de saudade à falta de notícias.

Antonio Dimas, que examinou a coleção dessas cartas, afirma que, mesmo sem acesso às respostas de Caro, “é possível esboçar um quadro altamente positivo desse relacionamento, uma vez que a amenidade que dessas se libera permite-nos confiar na boa disposição anímica dos dois correspondentes”. Ele seleciona cartas que testemunham a intensa atividade cultural e diplomática de Erico nos Estados Unidos, mas interessa-lhe o auto-retrato que o escritor traça a seu amigo. Aqui a proposta é deprender como Erico vê Herbert Caro, o que se pode realizar pela observação das confidências que lhe faz e pelas informações que lhe oferece, as quais pressupõem qualidades e características do destinatário.

Erico era um correspondente tenaz: escrevia e respondia, mas seus destinatários nem sempre lhe correspondiam. Herbert Caro era a exceção. Apenas na década de 50, podem-se computar 38 cartas a ele dirigidas, coincidentes com os períodos de sua estada em Washington, de 1953 a 1956, e com sua viagem à Europa em 1959. Entre os temas muito insistentes nessa correspondência, Erico, quando está a serviço da OEA, queixa-se da falta de tempo para dar atenção ao amigo que lhe reclama respostas, pede notícias de alguns amigos e colegas da Globo, tais como Mario Quintana, José Rasgado Filho, Edgar Cavalheiro, ou Maurício Rosenblatt, que não lhe escrevem, expressa suas saudades de Porto Alegre, mas constantemente refere concertos, peças teatrais, livros e discos adquiridos, comentando-os. Percebe-se, nas cartas, que Erico recebe encomendas de discos de Caro e que o mantém informado do que está sendo lançado em termos de livros nos Estados Unidos e na Europa. Um dos autores sempre citados é Thomas Mann, que Erico conhecera nos Estados Unidos em sua primeira viagem de 1941, de quem Caro se transformara na voz em língua portuguesa.

3 Caro nas cartas de Erico Verissimo

A correspondência de Erico para Caro, em virtude da habilidade narrativa do primeiro, cuja prosa flui com a naturalidade que se encontra em seu romance, importa não apenas como testemunho da amizade entre dois bons homens, mas também como documento para a história, não só literária, do século XX. Erico comenta eventos momentosos de seu período à testa do Departamento Cultural da União Pan-Americana, revela sua atuação na diplomacia latino-americana da década de 50 e demonstra seu papel ativo na difusão da cultura brasileira nos Estados Unidos, referindo conferências e excursões literárias realizadas, autores e obras estrangeiras ainda desconhecidos no Brasil, sempre manifestando suas opiniões e avaliações muito pessoais e desinibidas.

A correspondência é uma das formas de expressão escrita das mais espontâneas, pois, mesmo que saída da pena de um escritor, não vem cuidada e escoimada como o original de um livro. O discurso corre mais frouxo, os assuntos podem estar reunidos sem laços lógicos, apenas por justaposição, e não só o emissor se revela, mas também o destinatário fica retratado, seja pelas pressuposições, seja pelo tom e teor das respostas ou dos pedidos, o que aumenta seu valor documental. Erico, em suas cartas a Caro, escolhe os assuntos que sabe irão interessar o amigo, conta-lhe os fatos corriqueiros da vida cotidiana, conforme os lembra e não em ordem cronológica, enfatiza títulos e nomes que acredita devam ser de utilidade para Caro enquanto livreiro e melômano, e lhe traz episódios que lhe ocorreram, tanto da vida

privada, no âmbito da família e das suas viagens, quanto da vida pública, como representante do Brasil na OEA e como conferencista requisitado pelas universidades e entidades culturais.

4 Música e saudades

Logo que chega aos Estados Unidos, escreve a 3 de agosto de 1953, gabando-se do *high fidelity* que acaba de montar com os melhores aparelhos que conseguiu obter – o qual desenha no corpo da carta -, mas em seguida diz: “Nossa casa de Upsher Street já está parecida com a da Felipe de Oliveira. Todas as semanas, nas noites de sexta ou sábado, os amigos aparecem para ouvir música, conversar e beber. E já substituí as horríveis gravuras de Mr. McDermott [o locador] por quadros de Van Gogh e Renoir” (ALEV 02 a 0053-1953). A informação se destina a alguém que conhecia bem a casa e os hábitos de Porto Alegre, mas ao mesmo tempo demonstra que o emissor precisa reconstituir seu lar brasileiro no estrangeiro – um *leitmotif* de Erico, o do lar como refúgio.

A saudade do convívio com os amigos é contraditada pela vida calma nos Estados Unidos. Afirma ele em carta de 28 de setembro de 1953: “Sinto falta de nosso cafezinho das 4. Penso muito nos amigos, na minha casa, nos céus do Rio Grande, mas a verdade é que não quero voltar agora. Há muita coisa para ver por aqui. Tenho assistido a peças muito boas. [...] Os programas de concertos para o outono e inverno são promissores. Teremos as orquestras de Boston e Philadelphia, o Stern, o Heifetz, a Guiomar Novais, creio que o Arrau e, *last but not least*, o Quarteto de Budapest, que tocará na Library of Congress [...] Continuo a achar os americanos muito chatos e sem imprevisão, mas a verdade é que a vida aqui é fácil e confortável. Uma estada de dois anos vai ser muito boa para toda a família. O único problema, repito, é o meu como escritor. Se conseguir escrever a “Encruzilhada” [último capítulo de *O Arquipelago*], ou pelo menos deixá-la bem adiantada, tudo ficará perfeito.” (ALEV 02 a 0355-53). Note-se que são as oportunidades culturais que prendem Erico a Washington e que o argumento para justificar a Caro, o especialista em música clássica, seu desejo de permanecer longe dos amigos e do Brasil é a oferta desta em abundância, e de alta qualidade. Todavia, transparece a situação de ambivalência do escritor, que não consegue escrever longe da pátria, embora o estrangeiro lhe ofereça o que nela não encontra.

5 O cronista e suas opiniões políticas

No dia 3 de outubro de 1953, numa carta escrita do gabinete da Organização dos Estados Americanos, fica-se sabendo que Caro resolveu escrever para jornal: “Recebi tua carta e o terceiro artigo. Já havia gostado muito do segundo, mas achei este último ainda melhor. Creio que não te debes limitar nessas crônicas a tuas experiências de livreiro. Seria muito interessante que transmitisses aos leitores tuas experiências de leitor, falando de livros, orientando a *clientela*, e contando histórias de autores e obras”. (ALEV 02 a 0376-1953). Tratava-se das crônicas publicadas no *Correio do Povo*, sob o título “Balcão de Livraria”, que mais tarde seriam reunidas em livro. Note-se que Erico incentiva Caro a continuar escrevendo, ao elogiá-lo, e lhe sugere um caminho para não esgotar o interesse dos leitores. Como é sabido, a

formação do leitor foi uma das preocupações de Erico como autor e como editor ao tempo da Globo e ele percebe em Caro o talento de cronista que pode exercer o papel de difusor da leitura, o que acaba acontecendo, pois a coluna do ex-livreiro foi muito lida enquanto duro.

Erico parecia acreditar que Caro partilhava suas posições políticas, como dá a entender em carta de 29 de junho de 1954, ao comentar a situação da Guatemala: “[...] a questão da Guatemala tem trazido a OEA e a União em polvorosa. *Meetings* a toda a hora. Delegados pálidos em cochichos pelos cantos. Acho todo esse assunto muito sério e ao mesmo tempo melancólico. Discordo da política do State Department. Essa gente jamais aprenderá. Falta-lhes tacto diplomático, *savoir faire*, experiência. Simpatizo com a causa desse pequeno país que procura sair da sua triste Idade Média. Está claro que é perigoso fazer aliança com os comunistas, mas o maior perigo não é esse e sim a formação de mais uma ditadura direitista nas Américas com o beneplácito de Washington. *Disgusting!*” (ALEV 02 a 0054-1954). Erico vê em Caro um co-irmão liberal e, com singular sagacidade política, pressente o futuro da América Latina dos anos 60, em que as ditaduras militares seriam fomentadas pelos Estados Unidos em função da Guerra Fria. Em 20 de abril de 1954, já escrevera a Caro fazendo um retrato muito curioso e rápido de Nixon: “Há dois dias conheci pessoalmente o Nixon, vice-presidente. Tem o nariz do Bob Hope e uma queixada lombrosiana.” – o que parece profético.

6 Um leitor crítico

Outra faceta de Caro, revelada nas cartas, é sua capacidade de leitor crítico. Em carta de 6 de agosto de 1954, Erico prepara o espírito do amigo para a leitura de sua novela *Noite*: “De certo modo ela ilustra uma discussão que tenho tido com alguns críticos em torno da arte da novela. A coisa é assim: eu acho que se pode dar uma terceira dimensão à novela sem ser chato; isto é, pode-se fazer romance psicológico (com o perdão da má palavra) *sem deixar de contar uma boa história*. Lido com cuidado, o livro revelará uma série de intenções do autor. Estão nas entrelinhas, nos símbolos. Não sei o que acharás dessa novela, mas te asseguro que ela me satisfaz. Isto é... Bom. Reconheço que no fundo ela é pessimista, sombria. Mas lá estão, a meu ver, alguns dos problemas que ‘atucanam’ o bicho homem, principalmente o homem mais ou menos alfabetizado: um permanente, absurdo, complexo de culpa; um desajuste sexual devido a algum trauma de infância. E o grande truque da novela – devo adiantar-te – é que sendo uma coisa que devia parecer-se com um pesadelo e portanto vago, informe, indefinido, ela foi assim mesmo tratada realisticamente, o que ajuda a aumentar a sensação de desconforto e *confusão* do leitor. Bem. Tu verás.” (ALEV 02 a 0356-1954). Essa autocrítica deixa à história e à crítica literárias pelo menos a certeza de que Erico queria inovar seu estilo, torná-lo introspectivo – talvez pelo contato com o romance e o conto de Clarice Lispector, que veio a conhecer bem nessa estada em Washington – e que considerava o texto simbólico e, portanto, dotado de um fundo enigmático, destinado a desafiar seus estudiosos.

Caro, entretanto, não gostou da novela e parece tê-lo dito francamente a Erico, como se deduz desta resposta: “Em primeiro lugar quero dizer-te que *Noite* não é livro para ser *gostado*. [...] É um problema, quase um enigma. Dirás que literatura não é isso e eu estarei de acordo contigo. Não deve ser sempre isso, mas pode ser de vez em quando. Um autor tem o direito de fazer experiências. Tem até para consigo

mesmo a obrigação de explorar outros caminhos, sem pensar na freguesia certa. Não há nada pior para um novelista – do ponto de vista artístico – do que pensar na clientela. // Não creio que com esse livro eu tenha querido provar à crítica que posso fazer uma novela introvertida. [...] Aceito melhor a interpretação do Moisés [Vellino], que me chega no recorte que me mandaste. (Thanks!) [...] Quanto à espontaneidade, direi enfaticamente que livros como *Noite* não ‘são supostos’ serem espontâneos. E digo mais, a espontaneidade não é qualidade essencial para uma obra de arte. Se me perdoas a irreverência do paralelo, direi que o quarteto 135 do velho B. não é espontâneo. É duro, trabalhado... e grande. *Fur Elise* é espontâneo mas nem por isso melhor ou mais importante do que o derradeiro quarteto do mestre. [...] Falas em cenas repelentes... Pensa bem. É uma questão de sugestão. [...] As perversões do concunda são mais sugeridas do que mostradas. E se elas te enojam é porque fazem também parte , subterraneamente, da tua noite”. (ALEV 02 a 0365-1954). A defesa ainda segue, mas estes extratos são suficientes para indicar que Caro ficara chocado com o lado noir da novela e que, além de julgá-la do ponto de vista moral, não aceitara o experimentalismo tentado por Erico. Este, porém, embora respeitando a posição do amigo, não hesita em atacá-lo para a defesa de sua criatura.

Não só da própria literatura falava Erico. Comentava também a dos outros, como em carta de 15 de julho de 1954, em que, após informar que estivera com Vianna Moog para uma conferência conflituosa da OEA, diz o seguinte, bem-humoradamente: “Está gordíssimo, come como um desesperado e eu verifiquei que ele é a mais recente descoberta ou , antes, invenção de cibernética: a gente enfia um dime em qualquer de seus orifícios, aperta na testa do homem e imediatamente ele despeja uma teoria. Confessou que não poderia viver sem teses. Escrever, não pode. E por falar nisso, seu livro *Bandeirantes e Pioneiros* está magnífico. É uma obra séria, erudita, ousada, corajosa, complexa e de leitura muito agradável. Não concordo com todas as suas conclusões, mas acho-as todas *very provocative*.”(ALEV 02 a 363-1954). Vianna Moog era conhecido de Erico desde os anos 30 e sua amizade se incrementara ao longo dos anos. Caro também o conhecia, o que justifica a brincadeira sobre as teses de Moog, mas ainda não lera o ensaio em que ele compara politicamente os brasileiros e os norte-americanos com base na visão de mundo dos dois povos, um católico e o outro protestante. De qualquer forma, Erico prepara-lhe o espírito, com essa enfiada de qualidades.

7 Ainda a música

Fora da literatura, outro assunto mais do que freqüente é a música. Além de elencar autores, peças, gravações, para notificá-las ao amigo, Erico também procurava colaborar com os músicos – e com a orquestra de sua cidade, de que tanto se orgulhava. Em carta de 10 de maio de 1954, ele apresenta Guillermo Espinosa: “O meu diretor da seção de música é um maestro colombiano que estudou com o Weingartner na Alemanha. Foi muito elogiado aqui no seu último concerto, pelos melhores críticos de Washington. E como ele vai a Buenos Aires, México, Lima e outras capitais para reger suas sinfônicas, estive pensando em que seria interessante que ele regesse a OSPA. Vou escrever ao Moisés [Vellino] a respeito, mas gostaria que consultasses desde já o [Pablo] Komlos. A data seria... lá por outubro próximo. Quanto ao programa, ficaria à discrição do maestro Komlos. As despesas? Uma vez que o homem tem o problema das passagens resolvido, seria questão apenas da

estadia, que a prefeitura talvez estivesse disposta a pagar. Vai fazendo as tuas sondagens e mais tarde discutiremos detalhes. “(ALEV 02 a 0360-1954). Em carta posterior, Erico lamenta que as tratativas não tenham dado certo, o que indica que Caro não conseguiu articular o concerto junto aos setores interessados.

A importância da música na vida de ambos se expressa também na carta de 19 de novembro de 1959, que se abre com a informação emocionada de Erico: “Ontem recebemos, pela TV, a notícia da morte do Villa-Lobos. Fiquei muito sensibilizado. Eu não só admirava o homem como também gostava dele como pessoa. Encontramos em Paris, em junho passado, num almoço na sede da Unesco, e pela maneira como ele me recebeu, à Mafalda e a mim, eu vi o quanto ele nos estimava.”(ALEV 02 a 0467-1959). Pode-se perceber que Erico compatilha a dor da notícia com o amigo, tentando atenuar-lhe o impacto ao lembrar um momento feliz de convívio.

Herbert Caro, a todas essas, seguia escrevendo suas crônicas e Erico continuava a estimulá-lo: “Por falar em ler, diverti-me muito com o teu Balcão sobre os cronistas sociais. Eles merecem. Que cretinos! Parece até que foi uma doença que apareceu de repente em Porto Alegre. Está muito bem escrita. Toda a família leu e gostou. [...] (ALEV 02 a 0385-1955). Nessa mesma carta, Erico informa ao amigo: “Luis Fernando já toca vagos *foxes e blues* no seu saxofone. Sua coleção de *jazz* enriquece dia a dia. É um grande devorador de livros. Desde Mickey Spillane até Faulkner”.

8 Revelações sobre México e preferências cinematográficas

Em carta de 27 de setembro de 1955, Erico volta à sua literatura e dá notícias sobre os progressos da escrita de *México*: “o livro sobre o México vai marchando lentamente. Ainda não saí do período de *estudos*. Tenho nada menos de 100 páginas só de notas. Não vou fazer um livro erudito, que esse não é o meu gênero. Mas estou muito velho para cair nessas levandades tão à feição da nossa gente, que cita errado, não trata de confirmar suas observações de turista. Tenho lido muito sobre a psicanálise do mexicano, seu mito e magia, sua história, geografia, geologia, etc. Claro que a intenção do livro é poética, pictórica, humana. Mas sem notas seria impossível escrever uma coisa decente. Exemplo: noto que na paisagem mexicana que percorri faltavam duas coisas: água e sorrisos. Isso é uma impressão, vamos dizer... artística. Preciso encontrar a explicação ou, antes, a confirmação dessa impressão. E ninguém pode compreender a história do México sem estudar a história da terra, do torrão mexicano, pois toda ela se revolve em torno da posse da gleba, e assim por diante.”(ALEV 02 a 0358-1955). Observe-se o quanto ele salienta a necessidade de estudar o país para escrever a narrativa de sua viagem. A impressão que se tem é que ele sente a necessidade de justificar uma mudança de orientação a Caro, que já reclamara antes da falta de espontaneidade de *Noite*.

Também de cinema Erico fala ao amigo igualmente cinéfilo. Por exemplo, em carta de 24 de fevereiro de 1956, comenta o seguinte: “Vi uma fita que me abafou por completo – THE PRISONER, com Alec Guinness. Baseada no caso do cardeal Midzinski (*how do you spell it?*). Um *script* que é um prodígio. Filme adulto. Hollywood glorificaria o cardeal, fazendo dele um mártir e um santo. Mas a verdade é que ele no filme é um homem, com defeitos, com complexos e sem nenhum heroísmo fácil. Não deve perder esse filme. – Os indicados para o Oscar, este ano, a não ser THE ROSE TATTOO, que deve ser bom, são medíocres: PICNIC, LOVE IS A MANY SPLENDORED THING, LOVE ME OR LEAVE ME. Uma

desolação!”(ALEV 02 a 0475-1956). Veja-se que Erico tem opiniões muito restritivas sobre o cinema hollywoodiano, em comparação com o europeu, algo que se perpetua até hoje entre os críticos cinematográficos. A entusiástica recomendação indicia que Caro, outro apaixonado por cinema, compartilharia do prazer que o filme lhe causara.

9 Confidências afetivas

Erico não se poupa de partilhar com Caro as coisas boas que lhe acontecem. Em carta de 16 de março de 1956, revela-lhe: “Quero te contar uma coisa linda que me aconteceu ontem. Como sabes, o Dr. Winter, de O TEMPO E O VENTO, é natural de Eberbach. Pois recebi uma carta do *Burgermeister* dessa cidade agradecendo-me por ter escolhido o seu *Bürger* para berço do dr. Winter e mandando-me de presente várias aquarela originais com vistas da cidadezinha. Não achas uma coisa fantástica? Mando-te aqui cópia da carta. Se achares interessante, traduz para o *Correio*. Eu fiquei comovido. E as aquarelas são primorosas! Estou respondendo ao burgomestre. Não me lembro como foi que escolhi essa cidade. Creio quem ela estava numa pequena lista que alguém me deu. Acho que foste tu mesmo!”(ALEV 02 a 0084-1956). É notável não apenas a alegria do escritor ante a homenagem longínqua que recebe, mas o processo de rememoração em trânsito na própria escrita da carta que culmina com uma outra homenagem de reconhecimento ao amigo que o auxiliara e, portanto, fazia jus a iguais honras.

Em 11 de junho de 1956, tem-se uma carta em que o modo contido, mas muito afetivo, como Erico se movimentava na esfera privada é manifestado. Erico nela dá a notícia do noivado de Clarissa: “[...] quero dar-te uma notícia importante. Clarissa vai casar com um americano. O que eu temia aconteceu. Trata-se duma amizade que ‘degenerou’ em amor. Eram companheiros de teatro. A princípio fiquei chocado. A idéia de me separar da minha filha não me era nem me é ainda agradável. Depois fiquei triste e mais tarde resignado. Agora começo a encarar o problema, ou, melhor, a situação com uma serena alegria. O que tem de ser tem de ser. Afinal de contas, para ser bem honesto, nunca acreditei que Clarissa pudesse adaptar-se de novo à vida de Porto Alegre. Naturalmente já se começa a fazer teatro por aí. Mas que me dizes das intriguinhas, da maledicência, das limitações que toda a mulher sofre no Brasil? A pobre menina tinha e tem a desvantagem de ser minha filha, o que a colocaria *on the spot* permanentemente. Voltaremos todos em setembro, e em dezembro o ‘noivo’ irá até aí para casar-se. Chama-se Dave Jaffe, é patricio, de Brooklyn, , 27 anos, físico, não é *glamour boy*, usa óculos, tem um ar de rapaz estudioso e parece boa praça. *And that’s that*. “(ALEV 02 1 0330-1956). Essa confissão tão aberta dos sentimentos de perda de um pai em relação à emancipação da filha demonstram o quanto Erico prezava Herbert Caro, pois não era homem de manifestar seus conflitos, especialmente suas dores, salvo aos muito íntimos.

10 De um liberal para outro

Por outro lado, um dos exemplos interessantes concernentes à visão da esfera pública de Erico aparece na carta de 29 de setembro de 1959, quando ainda está nos Estados Unidos, após sua primeira viagem à Europa e a Portugal. Ele se detém a

retratar para Caro o líder soviético Krushchev: “Novidades! A visita de Krushchev, que foi um espetáculo. O homem é realmente um tipo de político que não se conhece por aqui. Um primário esportíssimo, com o instinto do político, a sabedoria do camponês e uma obstinação muar. Tem *sense of humour*, sabe dar uma boa risada e no momento seguinte fechar a cara e começar a falar duro, não sei se por temperamento ou por cálculo. O homem veio e fez vários discursos de propaganda comunista. Deves ter acompanhado a coisa toda aí pelos jornais. Mr. K. tem muitos *good points*, em meio de muita falácia. Eu não lhe perdôo a matança na Hungria, isso para não falar nas da Rússia através dos muitos anos em que ele foi um dos *Stalin boys*.”(ALEV 02 a 0464-1959). Aqui ficam patenteados a argúcia política e a isenção ideológica do escritor. Ele observa num *flash* a hábil atuação política de Krushchev nos Estados Unidos, início do degelo da Guerra Fria, mas não deixa de inculpá-lo pelas medidas desumanas que traz em seu passado. Ao preocupar-se em oferecer a Caro suas impressões de um político do porte de Krushchev, Erico implicitamente o coloca em pé de igualdade ideológica consigo. Caro seria, pois, ao lado de Erico, outro combatente nas hostes da liberdade e do respeito aos direitos humanos.

As cartas de Erico proporcionam, como se pode constatar, informações preciosas sobre figuras nacionais e mundiais da arte e da política, sem auto-censura -- salvo a das habilidades narrativas do autor. Traçam, pelo teor das respostas, um retrato de Herbert Caro como amigo respeitado, parceiro no amor aos livros e à música, capaz de rir da tolice humana, de indignar-se ante a opressão, e claro simpatizante do liberalismo no velho sentido inglês do termo. Celebram seu destinatário como um homem honesto consigo mesmo e com o outro, de gosto refinado e de expressiva atuação da vida literária e cultural do Sul.